

BLUMENAU EM CADERNOS

TAXA PAGA
AUTORIZAÇÃO Nº. 48
ECT DR S.C.



TOMO XVI

Março de 1975

Nº. 3

CANTO DOS COOPERADORES

**Esta publicação pode sobreviver
graças à generosa contribuição dos
seguintes cooperadores**

Cremer S/A. - Produtos Têxteis e Cirúrgicos - Blumenau
Centrais Elétricas de Santa Catarina S/A. - Blumenau
Tabacos Blumenau S/A. - Blumenau
Indústria Têxtil Companhia Hering - Blumenau
Artex S/A. - Blumenau
Cia. Comercial Schrader S/A. - Blumenau
Companhia de Cigarros Souza Cruz - Blumenau
Artur Fouquet - Blumenau
Georg Traeger - Blumenau
Electro Aço Altona S/A. - Blumenau
Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A. - Blumenau
Fundação Teófilo Zadrozny - Blumenau
Transportadora Vale do Itajaí Ltda. - Blumenau
Felix Hauer - Curitiba
Conrado Hildefonso Sauer - Rio de Janeiro
Fritz Kuehnrich - Blumenau
Armen Mamigonian - Presidente Prudente S. P.
Companhia Industrial Schlösser S/A. - Brusque
Tecelagem Kuehnrich S/A. - Blumenau
Malharia Blumenau S/A. - Blumenau
Gráfica 43 S/A. - Ind. e Com. - Blumenau
Consulado Alemão - Blumenau
Dr. Jucy Varella - Caçador

Blumenau

em Ladernos

TOMO XVI

MARÇO DE 1975

Nº. 3

UM JUBILEU

Neste ano da graça de 1975, Rio dos Cedros celebra o primeiro centenário de sua história.

Cem anos já se passaram, quando aqui entraram os primeiros colonizadores para o desbravamento de uma terra virgem, coberta de frondosas florestas, infestadas de animais selvagens e de índios Botocudos,

A partir daquele ano de 1875, uma verdadeira epopéia de heroísmo, de Fé, de lutas e de trabalho incansável. foi realizado por aqueles destemidos imigrantes, que vinham de Trento e Tirol em busca de melhores condições de futuro para si e seus filhos.

Rio dos Cedros é o resultado de um magnífico poema de sacrifícios, que um povo teceu para dar à região, um novo aspeto de beleza, transformando-a ao mesmo tempo num centro agrícola florescente.

Salve, pois, Rio dos Cedros. Salve Rio dos Cedros centenário. Louvores sejam dados a Deus por ti. Obrigado povo bandeirante vindo das plagas longínquas da Europa, para implantar nessa terra uma típica civilização, que marcará para sempre os efeitos de uma Fé profunda e inabalável.

Salve Rio dos Cedros. Tu és uma dessas epopéias extraordinárias, em que tomaram parte homens e mulheres, jovens e crianças, num palco imenso nos tempos em que a única máquina era o braço humano.

Muitos sucumbiram pela falta de recursos. Outros amedrontados pelas feras e pelos índios, enfrentaram o árduo trabalho sem nunca esmorecer,

Foram verdadeiras páginas heróicas escritas pelos feitos gloriosos dessa gente, que agora no centenário de sua chegada, merece o nosso mais vivo e profundo agradecimento.

Fontes Históricas

Padre Victor Vicenzi, *Professor de Francês, História Geral, História do Brasil, História Natural e Física. Atual Vigário da Paróquia de Rio dos Cedros.*

A história deve basear-se em fontes reais e fidedignas de pessoas vivas, em documentos e na tradição.

Por isso antes de iniciar estes apontamentos da história de Rio dos Cedros, assumimos a responsabilidade de entregar ao público um trabalho baseado justamente na tradição, nos poucos documentos existentes e nas pessoas vivas, embora algumas no período da coleta de notícias já tenham falecido.

Entre as pessoas vivas poderiam ser citadas: Ângelo (Angelin) Lenzi, com 99 anos de idade, filho de italianos, o primeiro a nascer ainda em viagem para o Brasil, dotado de uma memória excepcional, morador em Pomeranos.

Ferdinando Valandro, também filho de italianos, com 80 anos de idade, de memória lúcida e colecionador de apontamentos históricos dos ante-passados, morador em Cedro Central.

João Busarello (Naneto), falecido a 22-8-74, com 94 anos de idade. Emilia Vicenzi Cattoni, falecida a 22-8-72, de ótima memória, filha do célebre cantor e músico Enrico Cattoni, que veio da Itália ainda moço.

Cônego Giacommo Vicenzi, autor de várias obras literárias, falecido no Rio de Janeiro.

Padre João Batista Delsale, dedicado colecionador de fatos históricos do Município.

História de Blumenau de J. Ferreira da Silva.
Centenário de Timbó, da autoria do Prof. Gelindo Buzzi.
Apiúna nos meus apontamentos, de Miguel Deretti.
Prefeituras de Rio dos Cedros, Timbó e Blumenau.
Crônicas das Paróquias de Blumenau, Rodeio e Rio dos Cedros.
Documentos encontrados nos alicerces da antiga igreja matriz.
Padre Mário Bonatti, autor do livro, "O Dialeto Trentino de Pomeranos".

Trento

A Província de Trento, situada ao Norte da Itália, tem 6,560 quilômetros quadrados de superfície. É uma região montanhosa, dolomítica devido aos relevos alcantilados e despenhadeiros íngremes contrafortes dos Alpes, que dominam quase toda a região.

No ponto de vista geral, pode-se afirmar, que as diferenças topográficas, variam desde os 200 metros até as culminâncias de 3.342 de altitude contribuindo assim para uma paisagem turística excepcional, numa maravilhosa e pitoresca natureza.

Essa região assume uma vegetação típica e própria dos Alpes, enquanto

suas planícies são formadas de culturas de trigo e uva, pastagens e um povo rico de tradições, habitando vales profundos entre montanhas, contrastando com o eterno silêncio dos pináculos cobertos de neve.

Seu rio principal é o Adige, com um grande número de afluentes, sendo entre os principais: Fersina, Avisio, Noce, Isarco, e outros.

O rio Brenta também é muito importante e dele existe o tradicional canto lembrado em Rio dos Cedros chamado "El Barcarol del Brenta."

Trento é uma cidade muito linda, centro dos mais antigos e característicos dos Alpes, onde a arquitetura moderna forma um contraste harmonioso com o clássico, severo e rígido da cidade antiga.

Trento é ainda uma cidade cheia de monumentos históricos, palácios de inestimável beleza entre os quais o castelo de Buonconsiglio, residência dos bispos, príncipes de Trento desde o ano de 1027 a 1796.

Lá está ainda a Basílica de Santa Maria Maior aonde se realizou o Concílio em 1545 - 1563, a Praça Dante Aleghieri, o Museu, a Basílica de São Lourenço, o palácio Pretório, a catedral de São Vigilio e muitos outros.

É uma cidade turística circundada por montanhas com até 2.106 metros de altitude. Possui o lindo lago Caldonazzo, a panorâmica Paganella e o monte Bondone.

Dessa cidade partem diversas rodovias asfaltadas servindo uma imensa região de pequenos povoados (paeselli), destacando-se entre eles: Matarello, Centa, Val Sorda, Val di Fiemme, Civezzano, Pêrgine, Cavedine Valda, Val di Non Segonzano, Villazzano, Samon, Cognola, Rovereto, Vigalzano, Vigo, Cembra, Fornace, Levico, Ospedaletto, Albiano, Valsugana e outros, de onde partiram os primeiros habitantes de Rio dos Cedros.

O Verde Vale de Itajaí

O Verde Vale de Itajaí, assim chamado, por causa da exuberante natureza de várzeas e montanhas verdejantes, abrange uma área que vai desde a foz do Rio Itajaí Açu, até as nascentes do mesmo formado pelos afluentes principais: Oeste, Sul, Hercílio, Cedros e Benedito.

Esta vasta região considerada das mais férteis do Estado de Santa Catarina, é constituída por muitos municípios desmembrados daquele primeiro de Blumenau.

O turista que percorre o Vale de Itajaí, depara com um panorama diferente das demais terras brasileiras. Na sua caminhada encontra-se constantemente com paisagens verdejantes e floridas, terras cultivadas por pequenos proprietários com suas típicas habitações rodeadas de jardins, pastos, gado, roça, e plantações.

Os moradores dessa região, na sua grande totalidade de origem européia, além da língua nacional, falam diversos dialetos italianos, o alemão e o polonês. Vivem tranquilos, sem as preocupações das grandes cidades.

Rio dos Cedros faz parte de um desses recantos pitorescos do Vale de Itajaí, situado entre montanhas e planícies traduzindo um pouco as paisagens do Norte da Itália. Sua altitude varia entre os 75 e 950 metros.

Lá naquelas alturas se encontram as duas barragens do Pinhal e Rio Bonito, que fornecem 25.000 KWA de energia elétrica, através das usinas Palmeiras, e Cedros pertencentes à CELESC.

Rio dos Cedros, desde a sua nascente nas fronteiras com Rio Negrinho até a fóz com o Rio Itajaí, tem uma extensão de 90 quilômetros tendo como afluentes: Rio Ada, Rio Milanês, Rio Herta, Rio Sapo, Rio Esperança, Rio Rosina, Rio Cunha, Rio São Bernardo e outros. Esse rio vem caindo daquelas alturas até a cidade com 75 metros acima do nível do mar. Toda a região é muito agradável e própria para turismo.

Blumenau

No lindo Vale de Itajaí, encontra-se a cidade de Blumenau, situada a 60 quilômetros de Itajaí e 45 de Rio dos Cedros.

Está edificada às margens do Rio Itajaí, limpa, florida, ajardinada e cercada de vegetação. É uma cidade sempre em festa, diferente das outras pelo seu aspeto que lembra os costumes, as pessoas e o estilo europeu.

O idioma alemão é falado em todos os ambientes, tanto nas ruas, na indústria e no comércio, como na colônia e nas casas residenciais. Isto é devido ao seu fundador, Dr. Hermann Blumenau, que com mais 17 companheiros chegou a esse lugar, vindo da Alemanha, no dia 2 de setembro de 1850, com a finalidade de fundar uma colonização alemã.

Aquele grupo pioneiro, foi crescendo de ano para ano por outros, que se embrenharam Rio Itajaí acima, formando núcleos de imigração alemã, numa vasta área do Vale, que hoje nos seus diversos desmembramentos formam 37 Municípios, dentre os quais Rio dos Cedros.

Blumenau, é hoje centro comercial e industrial dos mais afamados do Estado de Santa Catarina, centro cultural, artístico, universitário e turístico com cerca de 110.000 habitantes.

Blumenau foi o berço de toda a imigração organizada, quer a alemã como a italiana e demais imigrantes estrangeiros. Ai ao chegarem do estrangeiro eram alojados em barracões adrede preparados e depois distribuídos pela Direção da Colônia, pelas terras já demarcadas, aos seus futuros moradores por preço exiguo e pago a longo prazo em dinheiro ou em mão de obra pública, na abertura de estradas.

Assim aconteceu com os primeiros imigrantes italianos que colonizaram Rio dos Cedros.

Rio dos Cedros

Rio dos Cedros, antes do inicio da colonização trentina de 1875, era uma vasta floresta inexplorada, recortada por um grande número de córregos, afluentes do mesmo rio.

O nome desse rio aparece desde 1863, quando um grupo de homens desbravadores dos sertões de Blumenau, chefiados por August Wunderwald, individuo estudado e verdadeiro bandeirante de toda a região,

subiu pelo Rio Itajaí-Açu de canoa, entrando em seguida pelos Rios Cedros e Benedito.

Devido a uma grande quantidade de cedros, preciosa madeira de lei existente na barra dos dois rios, deu a um deles esse nome, que ainda hoje vigora. O outro rio, entretanto, recebeu o nome de Benedito devido a um morador, chamado Benedito, que lá tinha chegado antes da imigração.

Entretanto os nomes ficaram e Timbó a onde se efetua a confluência dos dois rios, foi fundada seis anos depois dessa primeira excursão, em 1869; mas os lotes de terras começaram a serem vendidos oficialmente em 1872.

A primeira exploração do Rio dos Cedros, desde a barra com o Rio Benedito foi realizada, portanto, numa viagem de canoa por aqueles destimidos homens, que penetraram com muita dificuldade rio acima, num percurso de 15 quilômetros. Depois voltaram para traz, na impossibilidade de avançar por motivo do rio se tornar impraticável à canoa e pela escassez de alimentos.

Aquele grupo descobriu, entretanto, que a região vista do alto de um morro era muito extensa e fértil. Percebeu também, que para além das montanhas que circundavam o vale, poderia existir um grande planalto, o que tudo isso se verificou mais tarde.

Rio dos Cedros é formado realmente por uma planície onde se encontra uma população bastante densa formada de agricultores de nível elevado com uma vida confortável, alegre, feliz, não lhe faltando suas casas caprichadas, ranchos, pastos, criação, escola, igreja, hospital e a colônia que herdaram dos ante-passados para suas plantações de fumo, milho, arroz e um pouco de tudo.

O planalto é ainda pouco habitado com uma reserva de mato muito grande.

Cem anos depois, Rio dos Cedros é um lugar aprazível, bom para se morar, habitado por gente ordeira e boa. Suas colônias praticamente são as mesmas traçadas nos tempos da imigração com 200 metros de frente e por 1.000 de fundos, medidas pelos Irmãos Deeke e adquiridas pelo preço de 200\$000, pagas a longo prazo.

Uma Aurora Que Surge

Rio dos Cedros tem uma história muito interessante, atraente e digna do seu centenário.

O ano de 1875 marca o início dessa história, devido a chegada dos primeiros imigrantes italianos vindos do Tirol sob o domínio do Império Austríaco e da Província de Trento pertencente a Itália.

Devido às dificuldades de vida o Governo da Áustria, abriu a emigração. O mesmo fez o Governo da Itália. A medida foi bem aceita pelo povo exausto de guerras, pobre e cansado das inúmeras dificuldades de vida precária, numa região montanhosa com pouca terra aproveitável para cultivar e com uma população muito densa.

O primeiro grupo de colonos que se estabeleceu em Rio dos Cedros, vinha do povoado de Matarello a 8 quilômetros de distância de Trento e entrou por Pomeranos, nome dado pelos primeiros imigrantes alemães, que vinha de Pomerânia, antiga Província do Norte da Alemanha.

Era chamado "Caminho dos Pomeranos", ou ainda "Pomestróz" derivado etimologicamente de "Pommernstrasse". Essa estrada que saía de Timbó, não era nada mais que uma picada feita a facão no meio da mata por aquelas primeiras famílias de Pommernstrasse, que chegaram aí no ano de 1870.

Esse caminho com 20 quilômetros de comprimento ia em direção ao Norte até o atual Alto Pomeranos. Foi nessa estrada (picada) de Pomeranos que entraram os primeiros colonos trentinos de Matarello, a 10 quilômetros de Timbó, hoje Pomeranos Santo Antônio.

Surgia assim a aurora de Rio dos Cedros, cujos clarões haveriam de iluminar através desses 100 anos, as plagas riocedrenses.

Primeira Leva de Imigrantes

Era o ano de 1874. Em Matarello, um grupo de 20 famílias, depois de organizadas e instruídas pela Direção Colonizadora de Blumenau, através de Joaquim Caetano Pinto encarregado da emigração trentina, resolveu sair de sua querida terra. Completava o grupo mais algumas outras alencadas nos arredores de Trento.

O embarque foi no porto de Trieste num navio a vapor, em fins de dezembro do mesmo ano. Depois de um mês de viagem o navio atracou em Itajaí em fim de janeiro de 1875 e seus passageiros se dirigiram imediatamente para Blumenau por via fluvial.

Acomodadas as famílias nos barracões preparados para esse fim, os homens de Matarello partiram logo, subindo o rio Itajaí, entrando depois pelo Rio dos Cedros, até Timbó. Daí para frente caminharam a pé pela estrada dos Pomeranos e se estabeleceram nas colônias situadas na atual comunidade de Santo Antônio, provavelmente na metade do mês de fevereiro. As demais famílias que vieram junto, tomaram outros rumos.

Cada um tomou posse da sua colônia, cortava o mato, construía uma pequena moradia feita de ripas de palmitos, calafetada de barro e coberta de folhas largas encontradas na mata. Preparava uma pequena roça e regressava depois a Blumenau para trazer sua família. Começava assim a nova vida dessa gente, sem conforto, sem recurso algum, ameaçada constantemente pelas feras e pelos índios, munida unicamente dos poucos pertences trazidos da Itália.

O grupo era composto das seguintes famílias:

<i>Eugênio Uber</i>	<i>Sigismondo Nardelli</i>	<i>Giuseppe Cristelli</i>
<i>Antonio Nardelli</i>	<i>Domenico (Saltaro) Pisetta I</i>	<i>Giuglio Sevegnani</i>
<i>Francesco Uber</i>	<i>Bortolo Andreatta</i>	<i>Andrea Fratelli</i>
<i>Antonio Slomp</i>	<i>Pietro Marchetti</i>	<i>Giacinto Dalmonico</i>
<i>Giuseppe Perini</i>	<i>Giovani Felippi</i>	<i>Antonio Tomasini</i>
<i>Francesco Perini</i>	<i>Mansueto Uber</i>	<i>Gaspero Carlini</i>
<i>Giovanni Baldessari</i>	<i>Domenico Pisetta II</i>	

Junto com essas famílias vieram mais quatro, que eram de Bergamo:

Alessandro Lenzi *Sperandio Bendotti*
Antonio Tomasini *Bortolo Cava,*

Sua primeira plantação foi a do feijão, batata doce, depois o milho e a videira. Para se abastecer de mantimentos, todos esses primeiros colonos deviam ir a pé a Timbó na casa comercial de Frederico Donner, onde compravam o necessário para o seu sustento, especialmente a farinha de polenta, que custava dois vintens a quarta.

Era a primeira comunidade que surgia em Rio dos Cedros. Como vinha de Matarello, o povo de Pomeranos Santo Antônio foi chamado de "Matarei.", nome que ainda hoje é lembrado.

Aquela comunidade progrediu e atualmente é formada por 92 famílias, dotada de uma boa escola, uma casa comercial e uma bela igreja dedicada a Santo Antônio. No início da colonização, porém, a igreja foi feita de taipas, como também a escola. A escola atual, neste ano de 1975, completa 25 anos de sua existência.

Por essa escola passaram muitos professores dedicados e as Irmãs Catequistas. Atualmente é dirigida pela Prof. Ercides Perini. O 1º professor entretanto foi Giuseppe Dariva, depois Giovanni Trentini.

Pomeranos Santo Antônio foi canteiro de vocações sacerdotais e religiosas, porquanto são 14 os sacerdotes e muito mais as Irmãs, que trabalham na messe do Senhor. Muitos são também os professores, advogados, bancários e uma juventude disputada nos centros industriais e comerciais do Estado.

Segunda Leva de Imigrantes

No fim do ano de 1894, mais um grupo de famílias emigraram. A maior parte eram de Centa e como as de Matarello, embarcaram no porto de Trieste num navio a vapor, mas chegaram três meses depois delas por causa das dificuldades que o barco encontrou na travessia do Atlântico.

Percorrendo o mesmo caminho já feito pelos outros imigrantes, o grupo de Centa subiu pela estrada dos Pomeranos e se estabeleceu em continuidade ao de Matarello, no atual Pomeranos Médio.

Nessa estrada havia um bifurcamento para Rio dos Cedros ainda inexplorado. Por isso o lugar foi chamado de "Crosara", Encruzilhada, e o povo de "Croserotti".

Foram estes imigrantes que entraram em Pomeranos Médio:

<i>Ermin'o Stinghen</i>	<i>Vigili Felipi</i>	<i>Batista Bortolini</i>
<i>Celso Stinghen</i>	<i>Paolo Mattedi</i>	<i>Fiorenzo Satler</i>
<i>Giovanni Dalpiaz</i>	<i>Giovanni Odorizzi</i>	<i>Domenico Piazzera</i>
<i>Giovanni Dalpiaz Secondo</i>	<i>Andrea Campregher</i>	<i>Antonio Pradi</i>
<i>Giuseppe Bardin</i>	<i>Nicola Tessila</i>	<i>Giorgio Satler</i>
<i>Lazzaro Pedron</i>	<i>Antonio Bortolini</i>	<i>Bortolo Demarchi</i>
<i>Antonio Negri</i>	<i>Giovani Trentini</i>	<i>Giovanni Giovanella</i>

Pouco tempo depois chegaram mais quatro imigrantes que tinham ido para a Argentina. Eram: Carlo Giovanella, Giuseppe Giovanella, Batista Giovanella e Antonio Giovanella, também de Centa.

Ermínio e Celso Stingenham eram pedreiros e cortadores de pedras. Por isso foram convidados mais tarde para trabalhar no monumento erguido ao imigrante alemão em Blumenau.

Giovanni Odorizzi era carpinteiro, possuidor de ferramenta própria do ofício. Como ele tinha uma serra (sega), foi apelidado do "seghetta". Fabricava casas de madeira, pequenas serrarias e moinhos.

Domenico Piazzera era de Vigo; Dalpiaz de Val di Non; Odorizzi e Trentini, de Val di Fiemme; Paolo Mattedi, de Valda e Felippi, apelidado de "Valetta" vinha de Albiano

— Imigrantes de Pomeranos Central —

Um grupo de 300 pessoas, na sua maior parte de Samon emigrou para o Brasil. Era o ano de 1874 e a caravana seguiu para a França, onde embarcou num navio à vela (Velante), chamado "Gabriela", no dia de Natal do mesmo ano de 1874, no porto de Marselha.

Foi uma viagem cheia de peripécias e perigos, que se prolongou por cinco longos meses. O barco desorientado e empurrado pelos ventos, navegava sem rumo.

Já na travessia do Estreito de Gibraltar, os passageiros foram obrigados a descer para os porões do navio, devido a inclemência do mar que ameaçava soçobrar o "Gabriela". Amedrontados, temiam a morte. Passado o perigo, subiram ao convés tranquilos e contentes.

Entretanto na viagem o navio perdeu o roteiro e chegou mesmo a entrar nas águas do Rio Amazonas. Os passageiros bastante aborrecidos e cansados, ameaçavam o comandante francês do navio porque não acertava o caminho, o qual com muita habilidade, soube manter a calma entre os passageiros, até chegarem, por fim, ao porto de Itajai, sãos e salvos. Como aconteceu com os demais imigrantes, o Governo Brasileiro custeou a viagem.

Disto deduz-se que esses imigrantes saíram da Itália antes daqueles de Centa, mas chegaram quatro meses depois, em maio de 1875.

Uma parte dessa leva foi destinada para Nova Trento, enquanto um grupo de 22 famílias lideradas por Angelo Lenzi e orientadas pela Direção da Colônia de Blumenau, veio se estabelecer em Pomeranos, provavelmente em abril, logo a seguir aos colonizadores de Pomeranos Médio. Como essa leva vinha de Samon, foram chamados de "Samonatti".

Foram esses os pioneiros de Pomeranos Central:

<i>Angelo Lenzi</i>	<i>Angelo Tomaselli</i>	<i>Antonio Campestrini</i>
<i>Giuseppe Tais</i>	<i>Antonio Molinari</i>	<i>Mansuetto Mengarda</i>
<i>Damiano Lenzi</i>	<i>Giovani Pedrel</i>	<i>Ignazio Trisotto</i>
<i>Quiliano Paoletto</i>	<i>Ricardo Trisotto</i>	<i>Antonio Lenzi</i>
<i>Cristoforo Mengarda</i>	<i>Elia Dall' Agnolo</i>	<i>Isidora Mengarda</i>
<i>Antonio Giampicoli</i>	<i>Angelo Fattore</i>	<i>Armenio Zanghellini</i>
<i>Batista Anesi</i>	<i>Domenico Vicenzi</i>	<i>Giuseppe Nicolodelli</i>
<i>Angelo Borfolotti</i>		

Logo após a sua chegada construíram a primeira igrejinha feita de ripas de palmito dedicada a Santa Maria Madalena, substituída mais tarde por N. Sra. do Caravaggio. Como não havia sino, Carlo Molinari, que fora corneteiro no exército italiano, ia até a igrejinha para tocar as Ave Maria num chifre de boi. Quando o povo escutava o toque da "corneta", rezava o Anjo do Senhor.

Batista Anesi (Tita Mago), o primeiro homem a falecer no lugar, foi levado para o pequeno cemitério de Pomeranos Médio, numa zorra puxada a cavalo. A viúva casou-se depois com Michele Anesi, que foi mais tarde o primeiro professor de Pomeranos Alto, embora por pouco tempo e sem capacidade.

Domenico Vicenzi comprou o primeiro cavalo de Pomeranos. Seu filho Antônio com esse cavalo fazia frete para Timbó, levando e trazendo mercadoria para os colonos. Foi a "Primeira Transportadora" de Rio dos Cedros, e cobrava um vintém por arroba,

Em geral os colonos trabalhavam 15 dias por mês na abertura de estradas ganhando um ordenado de 15\$000 (Cr\$ 1.50), com os quais podiam pagar as prestações das terras adquiridas. Nos demais dias dedicavam-se a agricultura. Seus filhos frequentavam a escolinha de Pomeranos Médio, que funcionava precariamente num ranchinho.

No tempo da construção da segunda igrejinha feita de taboas, o povo adquiriu na Austria a imagem de N. S. do Caravaggio, provavelmente no ano de 1889.

Anos depois foi construída uma outra de tijolos, a qual foi demolida para dar lugar a atual, que foi inaugurada em 1932. Nesta última obra destacaram-se especialmente José Vicenzi, Severino Paoletto, Angelo Lenzi, Angelo Dall'Agnolo e muitos outros, com seu trabalho gratuito.

A igreja de N. S. do Caravaggio era um centro de devoção para onde acorria muita gente vinda de diversas localidades, para festejar o dia 26 de maio, sua festa litúrgica. Essa igreja foi decorada pelo célebre pintor Pedro Cechet, autor de mais 100 igrejas. Morreu em Rio do Sul com 62 anos de idade com fama de santidade.

O sino da torre foi adquirido em Trento e continua badalando às Ave Marias lembrando aos pósteros uma história de alegrias e de tristezas.

Ao lado da igreja funciona uma escola dirigida pela Professora Ester Vicenzi Dalmonico, desde a sua fundação. A história dessa escola está ligada de modo especial a um dos seus maiores lutadores, Liberato Trisotto, que juntamente com algumas outras famílias conseguiu seu funcionamento.

Dessa terra pomeranense, deve-se mencionar um dos seus mais ilustres homens, o Cônego Giacomo Vicenzi, escritor, poeta e compositor musical, primeiro sacerdote de Rio dos Cedros, que estudou no colégio do Caraça, em Minas Gerais. Ele fundou a banda musical, de Pomeranos, a primeira e a única da região, doando ele mesmo os instrumentos adquiridos no Rio de Janeiro. Era chamado "el pret del Rosso", por causa do seu pai. Morreu no Rio de Janeiro.

Desse povoado saíram ainda mais dois sacerdotes: Padre Victor Vicenzi e Padre João Venturi, muitas Irmãs, professores, advogados, bancários, contadores, homens de negócio, funcionários e operários espalhados nos diversos centros industriais e comerciais do Estado.

Hoje, Pomeranos Central é formado por 42 famílias descendentes daqueles antigos imigrantes, dedicando-se quasi todas à agricultura.

Pomeranos Alto -- Quarta Leva

O povoado de Cavedine, situado a 20 quilômetros de Trento, era agricultor como os demais, em geral arrendatários. Alguns porém possuíam pequenas propriedades. Ao deixarem a mãe Pátria passavam o imóvel a um dos filhos, ou vendiam-no. Outros passavam a um amigo ou parente o cuidado da propriedade mediante Procução.

Conta-se que a pobreza e a fome era muito grande naquela região. Foi por isso que muitas daquelas famílias abandonaram o lugar em procura de um futuro melhor.

A turma que chegou a Pomeranos Alto em 1875, embarcou no porto de Trieste. Com ela veio junto também gente de Val Sorda, Pérgine e outros povoados que foram habitar em outros centros de imigração.

Os de Cavedine entraram em Pomeranos Alto em continuidade com os de Pomeranos Central. Por causa da topografia, o lugar ficou sendo chamado também de "Busa". Alguns daqueles imigrantes vendo-se lançados no meio das florestas e sem recursos diziam chorando, que voltariam a pé para sua Pátria se lhes fosse possível se não houvesse o Oceano Atlântico para atravessar. Improvisaram pontes lançando sobre os rios troncos de árvores por onde passavam.

Apesar das ingentes dificuldades o novo povoado progrediu e hoje lá estão 92 famílias muito bem consolidadas moral e economicamente, formadas de agricultores além de uma casa comercial e indústria de madeira.

Foram estas as primeiras famílias:

<i>Angelo Cattoni</i>	<i>Giovani Demarchi</i>	<i>Gregorio Brighenti</i>
<i>Antonio Berti</i>	<i>Begnamino Berlanda</i>	<i>Arduino Zani</i>
<i>Michele Anesi</i>	<i>Abramo Moltrea</i>	<i>Caetano Zani</i>
<i>Sétimo Bagatoli</i>	<i>Giuseppe Gadotti</i>	<i>Agostino Bridarolli</i>
<i>Giuseppe Bagatoli</i>	<i>Domenico Bridarolli</i>	<i>Giuseppe Bridarolli</i>
<i>Andrea Recchia.</i>		

Agostino Bridarolli veio já velho da Itália. Viveu aqui apenas algum tempo e morreu com 90 anos de idade. Combateu como voluntário nas guerras de Napoleão Bonaparte na Rússia e não morreu de frio por milagre, dizia ele, enquanto seus companheiros não tiveram a mesma sorte.

Gregorio Brighenti instalou a primeira serraria hidráulica; mas depois a vendeu para os Irmãos Zani e ele foi para a Argentina. Os Irmãos Zani instalaram junto à serraria a primeira atafona, que depois venderam para Júlio Vogel e este para Luiz Mengarda e por fim para Germano Mengarda. Hoje não existe mais nada de tudo aquilo. Luiz

Mengarda tinha três filhos, um dos quais, chamado Massimigliano, foi o célebre professor da localidade por muitos anos.

A primeira escola foi construída de tabuas e servia também de igreja dedicada a N. Sra. da Assunção (Madonna dell'Assunta). Michele Anesi foi o primeiro professor, substituído em seguida por Luigi Mengarda, inteligente e mais bem preparado para este ministério. O terceiro professor foi Massimigliano Mengarda, depois as Irmãs Catequistas e atualmente as professoras Rita Venturi, Olímpia Demonti e Neusa Lenzi.

A primeira escola foi substituída por uma outra e por fim a atual construída de material com o nome de Silvino Mengarda, pracinha que tombou nos campos de batalha na Segunda Guerra Mundial, na Itália.

A primeira igreja separando-a da escola foi construída de tijolos, que mais tarde foi demolida para dar lugar a atual inaugurada em 1948, considerada a mais bela de toda a Paróquia.

Os primeiros mortos eram enterrados pobremente, não se encontrando atualmente vestígio algum daqueles heróis.

Outros imigrantes, como a família Domenico Valentini vinda de Samo, entraram pelo Rio Sapo. Diz-se que tomou esse nome devido a existência de grande quantidade daqueles batráquios. Uma vez os trabalhadores que abriam a estrada, auxiliados pelo agrimensor Emilio Sada, esquentavam a comida num fogo aceso no terreiro, quando um sapo pulou dentro de uma panela. A euforia foi grande e daí por diante o lugar passou a chamar-se de Rio Sapo.

Outros imigrantes avançaram pelo Rio Ada, Rio Joana, Rio Simão, Rio Carolina, Rio Josefina, nome de pessoas que se estabeleceram naquelas localidades e oficializadas por Emilio Sada,

Russos, poloneses, alemães e húngaros foram subindo as serras, passando além, descendo para Garibaldi e Jaraguazinho, já sob a jurisdição de Dona Francisca (Joinville).

Imigrantes de Rio dos Cedros (Sede)

Rio dos Cedros, (Sede) passou para a história em 1875. Dos lugares montanhosos do Tirol, e de Trento saíram muitos imigrantes com destino ao Brasil.

O navio à vela, partiu do porto de Trieste, mas retornou por duas vezes ao porto, devido a avarias recebidas de encontro a um rochedo. A viagem se prolongou durante 80 dias.

Em Blumenau, a Direção da Colônia encaminhou uma parte dessa leva para Rio dos Cedros. Vinham dos povoados de Civezzano, Villazzano, Ospedaletto, Vigolo, Vigalzano e de outros "paeselli". As famílias ficaram alojadas num dos barracões situado entre Gaspar e Blumenau, enquanto os homens subiram pelos rios até Timbó.

Informados por Frederico Donner que aí não havia mais colônias disponíveis, continuaram a viagem subindo de canoa pelo Rio dos Cedros na certeza de poder encontrar aí as férteis terras, logo a seguir a colonização

alemã, conforme as instruções recebidas. Na confluência do Rio São Bernardo com o Rio dos Cedros, pararam. Desembarcaram de suas canoas e se encontraram nas terras riocedrenses, agora sua nova Pátria.

Foram estes os pioneiros de Rio dos Cedros. Eis seus nomes:

Estrada Tiroleses Estrada Timbó Estrada S. Bernardo

Alessandre Rafaelli
Batista Rafaelli
Lisandro Rafaelli
Domenico Murara
Domenico Dallabrida
Giuseppe Volani
Giovanni Prada
Egidio Pedrel
Sigismondo Dorigatti
Agostino Largura
Emanuele Agostini
Vittore Zanella

Batista Busarello
Napoleone Trisotto
Luigi Purin

CENTRO

Pietro Floriani
Germano Bona
Giovanni Longo
Enrico Rikter

Eugenio Floriani
Eugenio Floriani 2º
Francisco Prada
Giocondo Bertoldi
Egidio Busarello
Beniamino Bertoldi
Antonio Nasatto
Giovanni Floriani

Os Floriani eram de Albiano e corrente de Agnedo.

Em seguida chegaram mais estes:

Estrada lado São José

Antonio Purin
Giovanni Berti
Virgilio Voltolini
Davide Agostini
Lino Vasselai
Michell' Angelo Ropelatto
Adone Paternolli

Bortolo Busarello
Lisandro Paterno
Francesco Sandri
Pietro Paternolli
Francesco Valandro
Devigili Bona
Antonio Corrente

Antonio Corrente 2ª
Pietro Osti
Pietro Giacomazzi
Basiglio Leitempergher
Caetano Dorigatti
Sigismondo Menestrina

Boa Vista

Giuseppe Floriani *Pietro Trentini*
Giovanni Demarchi *Luigi Bassani*

Batista Rafaelli era músico e dirigia com muita competência a banda musical, a primeira e famosa de Rio dos Cedros. Morreu mais tarde em Lages, como também Alessandre Rafaelli.

Interessante assinalar os apelidos com os quais eram conhecidos alguns daqueles homens. Miotto, era o Virgilio Voltolini. Mosca, Davide Agostini. Pietron, Pietro Floriani. Toni, Antonio Nasatto. Pierotto, Pietro Paternolli. Pierin, Pietro Osti. Bataini, Francesco Sandri. Tita, todos os Batistas.

Toda essa gente dotada de fibra e vontade de trabalhar, queria vencer a todo custo. Munida de facão e machado, enfrentava todo e qualquer obstáculo. Iniciou a derrubada do mato e construiu suas moradias rústicas e pobres, ajudando-se mutuamente.

Uma vez pronta a casa e feita uma pequena roça, aqueles homens que aqui chegaram em Rio dos Cedros, voltaram a Blumenau para buscar suas famílias trazendo-as consigo, chegando novamente a Rio dos Cedros na véspera do Natal de 1875, dia 24 de dezembro.

Foi o primeiro Natal festejado em terras riocedrenses. mas bem diferente do que aquele Natal da sua terra italiana.

Diz-se que praticamente se trabalhava dia e noite com grande alegria, derrubando a mata e fazendo roças. A primeira colheita foi a da batata doce, que chegava a pesar 3 a 4 quilos cada uma.

No início da colonização o Governo ajudava as famílias com distribuição de mantimentos, mas para completar sua refeição utilizavam-se de frutas silvestres, de caça e pesca, que havia em abundância, em toda parte.

A primeira colheita de milho, feijão e outros cereais, foi abundantíssima. A safra era levada sobre os ombros nos "zerlos" e na "scaizera". Todos estavam muito contentes. Já tinham com que se alimentar. Parece que a origem do canto: *Noi siam partiti*, teria sido composto por eles, desde que Batista Rafaelli era músico. Por isso aos domingos muitos daqueles homens se reuniam e cantavam seus cantos folclóricos trazidos da Itália, e o célebre :

*Noi siam partiti dai nostri paesi
Noi siam partiti con grandi onori
Trenta sei giorni di machina a vapore
Finchè all'America noi siamo arivati.*

*E all'America noi siamo arivati
Non abbiám trovato ne paglia nè feno
Abbiám dormito sul próprio terreno
Come le bestie che vano a riposar.*

*E l'America la è lunga e la è larga
La è circondata da monti e montagne
E con la industria dei nostri italiani
Abbiám formato paesi e città.*

Assim estava formada a primeira comunidade de Rio dos Cedros, que logo pensou em construir a sua capelinha, o que foi feito no lugar onde hoje fica o Posto Atlantic, como também a escolinha ao lado. Pietro Floriani, de acordo com todas as famílias do lugar, mandou vir da Itália a imagem de N. Sra. Imaculada Conceição.

Enquanto isso os homens iam preparando o madeiramento para a segunda capela, que deveria receber a nova imagem. Alguns deles achavam que isso iria demorar muito tempo. Outros entretanto, pensavam diferentemente. De fato a imagem chegou um mês antes do tempo previsto e a capela não estava pronta.

A chegada da imagem houve muita festa e naquela noite foi levada para a casa de Pietro Floriani. No dia seguinte foi colocada num oratório improvisado.

Todos os moradores e até os alemães vizinhos, vieram para prestar seus serviços na conclusão da capela. Alguns deles chegaram mesmo a adiar a própria plantação de milho, para dar todo o seu tempo

disponível àquela obra. Dentro de 15 dias a capela estava pronta e com grande júbilo do povo, a imagem da Imaculada Conceição foi levada para a sua nova moradia.

No ano de 1896 foi começada a construção da nova igreja de tijolos, sobre uma colina e inaugurada em 1904. Essa igreja muito bonita serviu como Paróquia a partir do ano de 1913 até 1968. A torre se erguia altaneira dominando toda a planície de Rio dos Cedros. Luigi Purin com o auxilio do povo, adquiriu três sinos fundidos em Trento, que ainda hoje badalam harmoniosamente. O Livro Caixa daquela época, traz minuciosamente todo o movimento realizado na ocasião para construir a igreja, a torre e a compra dos sinos.

Em 1968, no dia 21 de julho, foi benta e inaugurada a nova igreja matriz, obra monumental realizada pelo Padre Otávio Bortolini em sintonia com o povo. A antiga matriz foi demolida em 1970. Na escavação dos alicerces foram encontrados dentro de uma garrafa dois documentos, um dos quais com 8 folhas de papel almaço, que narra a história daqueles tempos. O outro documento foi redigido nos seguintes termos:

"Nell'anno del Signore, 1901 regnando in Roma sul soglio Pontificio Papa Leone XIII, essendo vescovo di questa Diocesi per ora José de Camargo Barros, residente in Curitiba, Stato di Paraná, primo vescovo.

Io sottoscritto Giosuè Fiemonzini assieme di mio figlio Elia, di Erminio Stinghen, di Antonio Corrente 1º quali miei aiutanti e subalterni nel lavoro di questa chiesa, mi pongo per perpetua ricordanza ai secoli venturi acciò sappiano aver io agito come architetto e direttore dell'opera, come feci pure così per la chiesa e convento di Rodeio 100 e quella di S. Paolo 43. Così pure elaborai in gran parte nella chiesa di Blumenau nel 1876 e seguito, quindi nell'Instituto e nel convento stesso.

Ciò che faccio non è per ambizione e orgoglio, ma perché se il caso desse che a secoli venire avessero una memoria storica più completa da porre alla luce, che Padre Lucinio non fece nelle carte qui inchiusse nella pietra fondamentale in fondo al presbitero. Il feci anche perché così la Vergine SS. Imm. Con. di che questa chiesa è dedicata m'abbia anche io in uno de' suoi figli e m'impetri la felicità perpetua in Paradiso. Amen. Rio dos Cedros 10 Marzo 1901. Giosuè Fiemonzini, nato in Mattarello di Trento Tirolo Meridionale, Austria."

Índios

Esses primeiros colonos viam continuamente homens nus, de cabelos compridos e vermelhos, andando pelas matas, trepando em árvores, correr pelas picadas, atravessar rios, caçar e pescar. Eram os índios. Em geral não os amolestavam, a não ser vez que outra invadindo as roças ou amoitando-se para espíá-los.

Entretanto dois fatos graves aconteceram; Tereza Paternolli de 19 anos de idade, foi morta a flechadas, quando passava pela picada para visitar uma família amiga, na localidade de São José.

Em Rio Herta destruíram a família Majeski. Então homens corajosos iniciaram a perseguição; mas os índios se embrenharam pelas florestas afastando-se de Rios dos Cedros.

Primeiros Nascimentos e Mortes

Em Rio dos Cedros as primeiras crianças a nascer foram: Luiz Osti e Ugênio Corrente. Em Pomeranos, Ângelo Lenzi, ainda em viagem.

Nos cinco primeiros anos morreram as seguintes pessoas: Stella Purin, Luígia Bona, Basiglio Leitemperger, Antonio Purin, Erna Osti, Augusta Busarello e Catarina Busarello.

Criação da Paróquia de Rio dos Cedros

Antes de expor a documentação da Paróquia de Rio dos Cedros, deve-se assinalar aqui, um movimento impressionante por parte da população de Pomeranos Médio, que adjudicava para si o direito da instalação da mesma no seu lugar. Para solucionar a dificuldade que surgira, recorreu-se a sorte. Foram confeccionadas duas cédulas: uma com a inscrição, N. Sra. das Dores e outra com a inscrição, N. Sra. Imaculada Conceição. O sorteio foi surpreendente, pois por três vezes consecutivas foi extraída a cédula de N. Sra. da Imaculada Conceição, ficando solucionado o problema.

Decreto da Criação

Os beneméritos Padres Franciscanos, pelo espaço de muitos anos, vinham de Rodeio para atender a todas as capelas de Rio dos Cedros, desde que foi criado o paróquiato naquela Freguesia.

Rio dos Cedros cresceu e mereceu ser distinguido com a Paróquia (Curato), em 1913, criada por Dom João Becker, arcebispo metropolitano de Porto Alegre e administrador Apostólico da Diocese de Florianópolis, nestes termos:

“Por mercê de Deus e da Santa Sé Apostólica Arcebispo Metropolitano de Porto Alegre e Administrador Apostólico da Diocese de Florianópolis.

Aos que este Decreto virem, paz e benções em Nosso Senhor Jesus Cristo.

Fazemos saber que, tendo Nós deliberado crear o curato de Nossa Senhora da Conceição do Rio dos Cedros, no município de Blumenau, neste bispado de Florianópolis, depois de ter ouvido o Rev. Cura de Rodeio, de cujo curato este vai ser desmembrado, e depois de haver-Nos sido apresentado pelo povo católico de Rio dos Cedros, de Pomeranos, e do caminho dos Tiroleses a competente petição, e cumpridas todas as condições de direito, usando de nossa jurisdição ordinária diocesana, e em caso necessário, da que nos é delegada pelo Sacrossanto Concílio Tridentino: Havemos por bem, separar, dividir e desmembrar do curato de Rodeio, o território que em seguida vai indicado, e nele pelo presente Decreto erigimos e canonicamente instituímos um novo curato que se denominará o de Nossa Senhora da Conceição do Rio dos Cedros e dos seus afluentes a saber.”

Aqui o Decreto menciona o território que abrange a nova Paróquia e estabelece os poderes que tem o Vigário, que não transcrevemos por ser muito extenso e desnecessário.

E conclue o Decreto: "Dado e passado na Câmara Episcopal de Florianópolis, sob nosso Signal e Sello das Nossas Armas, aos oito de junho de mil novecentos e treze." Monsenhor Francisco Topp, Vigário Geral do Bispado, por comissão especial do Exmo. Sr. Dom João Becker,"

A Paróquia de Rio dos Cedros, portanto, começou a existir por meio desse Decreto de 8-6-1913. Seu primeiro Vigário foi o Padre Frei Solano Schmitt, que tomou posse no dia 24 de agosto do mesmo ano, ocupando o cargo até a chegada dos Salesianos em 1918.

Ata da Posse do Primeiro Vigário

"Aos 24 de agosto de mil novecentos e treze pelas nove horas da manhã, nesta Matriz de Nossa Senhora da Conceição do Rio dos Cedros, sendo aí na qualidade de convidado do novo Cura, em minha presença compareceu acompanhado das testemunhas abaixo assinadas o Revmo. Pe. Solano Schmitt OFM, Cura deste novo Curato nomeado por provisão de S. Excia. Dom João Becker do dia oito de junho deste mesmo ano, e em seguida procedi a leitura da provisão e o introduzi na posse deste Curato, observando o cerimonial prescrito, sem que houvesse contestação alguma.

Para constar lavrei esta Ata que assino com o novo Cura e as testemunhas.

Rio dos Cedros aos vinte e quatro de agosto de mil novecentos e treze.

Pe. Modestino Oechtering, OFM Cura

Testemunhas: **Giuseppe Bona, Pe. Solano Schmitt, OFM**
Vergilio Campestrini --

Neste ano de 1913 Dom João Becker, autorizou a construção de uma escola no terreno da igreja matriz recém criada, com cláusulas rigorosas para que aí fossem somente admitidos professores de conhecida Fé Católica e praticantes.

Em 1914 o Pe. Solano recebeu o seu primeiro auxiliar, na pessoa de Frei Justino Girardi.

Ainda em 1914 foi construída a escadaria da matriz, que custou 600\$000. Para acabar a torre o novo Vigário percorreu as famílias de Rio dos Cedros, e angariou 1.825\$000; mas o total das despesas somaram 2.800\$000. O arquiteto da torre foi Frei Bonifácio Krenchel.

Trabalharam na paróquia diversos Franciscanos, entre os quais, Frei Capistrano Eising, Frei Policarpo, Frei Modestino, Frei Lucínio, Frei Daniel Ostin, e outros.

Pe. Solano Schmitt, sacerdote dedicado e incansável trabalhador, deixou lembranças saudosas no meio do povo. Faleceu em Gaspar.

Primeira Igreja de Rio dos Cedros

A primeira igreja a surgir em Rio dos Cedros, foi a de N. Sra. das Dores (Madonna Addolorata) no ano de 1875, na pequena comunidade de Pomeranos.

O grupo de imigrantes do local, que tomou posse das terras meses antes, se uniu com o grupo de Pomeranos Central para a construção da capelinha, feita de ripas de palmitos e coberta de folhas largas, encontradas na mata.

Paulo Mattedi e Antonio Bortolini cederam o terreno onde moram hoje as famílias Alceste Cristelli e Elidio Mattedi.

Passado algum tempo, o povo pensou em construir outra capela maior, de madeira, onde está hoje o cemitério municipal e onde estava o primeiro cemitério da localidade naquela época. Mas não deu certo. O povo de Pomeranos Central não concordou com a idéia. Retirou-se e construiu a sua igreja no terreno de Antonio Molinari e Angelo Tomaselli.

Diante dessas dificuldades, o povo resolveu construir sua segunda igreja no terreno de Andrea Campregher, onde hoje mora a família Hermínio Dalmônico.

Nessa capelinha celebravam-se duas festas principais: no dia 15 de setembro N. Sra. das Dores e no dia 16, São Roque. No dia 17, o povo descansava... A música vinha de Rodeio e o povo acorria de longe para celebrar essas festas, divertindo-se bastante.

A estatueta de São Roque esculpida na madeira à mão, não correspondia às exigências litúrgicas. Por isso o sacerdote, Pe. José M. Jacobs, mandou retirá-la contra a vontade do povo, embora tivesse colocado outra mais artística.

Diz-se que nessas festas esgotava-se várias vezes o repertório de cantos folclóricos italianos. Os alemães que vinham das redondezas, também cantavam os seus e os garrafões de pinga iam se esvaziando.

A terceira igreja de tijolos, a atual, construída em cima de uma colina, trouxe muitas divergências entre os moradores, que se dividiram em dois grupos: Um, composto de 12 famílias, a favor e outro contra essa construção sobre a colina.

Segundo documentos existentes, a imagem de N. Sra. das Dores, pertencia ao convento dos Franciscanos de Rodeio. Por isso, como a parte dissidente não aceitasse nenhum entendimento com a autoridade eclesiástica, Frei Solano, mandou seu coadjutor, Frei Justino Girardi, com a devida autorização do Bispo Diocesano e do Juiz de Direito de Blumenau, retirar a imagem da capela e os demais pertences, para Rio dos Cedros. Solicitou para isso a vinda do Comissário de Polícia de Indaial e duas praças, sem o que seria perigoso e difícil retirá-la. A capelinha então foi demolida e a madeira vendida.

O terreno dessa terceira igreja foi doado por Giuseppe Cristelli e Carlo Giovanella, embora um pouco contra a sua vontade para não desgostar a parte contrária.

Um documento existente diz que no dia 2 de fevereiro de 1916, foi solenemente reconduzida a imagem de N. Sra. das Dores e colocada na nova capela, cuja construção já se achava a tal ponto adiantada que podia proceder-se a benção simples da mesma e celebrar pela primeira vez o sacrifício da Santa Missa. Grande número de pessoas de Rio dos Cedros

e outros lugares assistiram a missa solene. Notava-se porém, a ausência de algumas pessoas do lugar. No frontal da igreja lê-se ainda nos nossos tempos a seguinte inscrição: "Mater Dolorosa".

Os ânimos aos poucos foram se acomodando e tudo voltou a se normalizar na paz e na concórdia.

A imagem de N. Sra. das Dores é uma verdadeira obra de arte sacra, adquirida na França. Foi esculpida em Paris por Delin Freres, à Rua Bonaparte, nº. 61 e doada a igreja por Giacinto Dalmônico. De Blumenau para a capela, essa imagem foi conduzida numa carroça puxada por duas mulas de propriedade de Carlo Giovanella.

A comunidade de Pomeranos (antiga encruzilhada), está formada hoje por 70 famílias muito bem colocadas e com relativo conforto. Um grande número de seus filhos deixaram o lugar, em procura de futuro em outras partes, por falta de mercado de mão de obra, fenômeno existente em todo o Município.

Nessa localidade foi construída a primeira e rústica escolinha. No começo lecionou Batista Rafaelli, depois Giovanni Trentini, José Brancher e outros. Atualmente a escola é dirigida por Silvino e Olinda Giovanella e Irma Lenzi.

Vida Religiosa

Desde o início da imigração de 1875, Rio dos Cedros teve sua atuação espiritual marcante e esclarecida.

Materialmente, os primeiros colonos procuravam progredir com o plantio da videira, do fumo, milho e feijão, abrindo estradas e melhorando sua condição de vida.

Espiritualmente, continuavam a manter suas tradições religiosas, trazidas da Europa, formando em cada núcleo de colonização, um centro litúrgico, para nele buscar forças, alívio e conforto na oração.

A igreja era o centro de união de cada localidade que surgia.

A quase totalidade da população era católica, não deixando entretanto de existir no meio dela, alguns elementos "carbonários" imbuídos das idéias de Cavour.

O culto era celebrado todos os Domingos e dias santificados, por homens de vida piedosa, exemplar e de capacidade notável, como por exemplo: Giovanni Trentini, Giuseppe Campestrini, Giovanni Baldessari, Vergilio Campestrini, Enrico Cattoni e outros.

As festas religiosas eram feitas com grande fé, preparadas por novenas e tríduos, nas quais todo o povo participava ativamente. O terço, as ladainhas de N. Senhora, a Missa lida, centralizava toda a vida cristã daquele povo.

A falta de sacerdotes no começo, não fez diminuir a fé, porque alguém assumia a autoridade da celebração litúrgica na igreja no seu lugar e todo o povo acompanhava com autêntica participação.

Todos cantavam e rezavam em língua italiana. Seu livrinho principal de oração era "Massime Eterne". Nos nossos dias, grande nú-

mero de pessoas rezam ainda aquelas orações tradicionais com profunda emoção de piedade cristã. Não havia ideologias ambíguas de superstição. O povo vivia o seu legítimo Evangelho.

Aos domingos pela tarde, em alguns lugares, cantavam-se as Vésperas em latim. A Semana Santa era celebrada com muito fervor.

No dia da Páscoa, cozinhavam-se ovos de galinha e depois de pintados eram disputados nos jogos com uma moeda de um vintém, entre a criançada. Para o almoço pascal não faltava uma mesa farta de iguarias e pratos excepcionais italianos muito bem preparados.

No Natal, grupos de cantores visitavam as famílias, cantando "La Santa Notte". As crianças colocavam na soleira da porta um prato com sal para o burrinho comer naquela noite quando passasse carregando o Menino Jesus. No dia seguinte elas encontravam no prato o presentinho desejado do Natal, que o Menino Jesus (Bambinel) deixara na sua passagem. Ao almoço havia de tudo; mas não podia faltar a cerveja caseira (la bira dolza) e os biscoitos enfeitados.

No Primeiro Dia do Ano, as crianças corriam visitar seus avós e padrinhos para lhes pedirem um presentinho e diziam: "bon di bon an, deme le vosse bone man a mi". Um lencinho ou um doce bastava para elas. Ficavam satisfeitas. Por fim na festa da Epifania, o povo dizia que "tutte le feste la le paravia". Tudo terminava e a vida normal voltava novamente aos lares felizes.

No início da colonização, os novos casais somente podiam receber o sacramento do matrimônio em Blumenau, viajando à pé com muito sacrifício. Depois de melhoradas as estradas, o casamento era puxado num carro de mola ou numa carroça, com dois ou quatro cavalos todos enfeitados.

O sacerdote visitava de vez em quando as pequenas comunidades e o povo aproveitava nessa ocasião para receber a Comunhão e cumprir seus deveres religiosos. Em geral os adultos comungavam pela madrugada. Depois voltavam para casa, faziam seus trabalhos domésticos e retornavam à igreja com as crianças para assistir à Missa pelas 8 horas. Durante o dia o padre visitava os doentes e administrava-lhes os sacramentos.

Quem fazia os funerais, eram os mesmos líderes leigos acompanhados pela cantoria, que executava todos os cantos sacros em latim. A mesma cantoria era convidada para cantar nas solenidades das festas dos Padroeiros de cada lugar. Não se podia conceber uma festa "grande" sem cantoria. As mais afamadas eram a de Caravaggio, Santo Antônio, São José e Rio dos Cedros.

Aos domingos o povo das redondezas de Rio dos Cedros, ia à Missa na Paróquia a cavalo, a pé ou de carroça. A praça então se enchia desse tipo de condução proporcionando um aspecto típico naquela época, quando não existia ainda o automóvel e bicicleta.

As Irmãs Salesianas trabalharam algum tempo em Rio dos Cedros; mas depois se retiraram. Vieram então as Irmãs Catequistas Franciscanas, que assumiram o ensino e fundaram o Juvenato, que funcionava no antigo grupo escolar. Atualmente dirigem a Escola Básica P. Aleixo, com 700 alunos.

Primeiros Sacerdotes

Os imigrantes italianos, ao chegarem a estas plagas sem os recursos espirituais de que estavam acostumados em sua terra natal, deploravam o estado de abandono total e sem assistência religiosa. Mas Deus, apesar de tudo não os desamparou. Sua religião se tornou mais robusta e mais viva a sua Fé.

A primeira Missa foi celebrada em terras Riocedrenses no ano de 1876, pelo padre Carlos Boegershausen, que de passagem visitou a colônia de Pomeranos, na capelinha de N. Sra. das Dores.

Esse sacerdote era vigário de Joinville, mas administrava nesse tempo também a igreja de Blumenau. Certamente nas suas andanças apostólicas, passando por Rio dos Cedros celebrou a primeira Missa no dia 15 de setembro de 1876.

Depois dele vinha de Nova Trento o padre João Maria Cybeo, Jesuíta, até a vinda do Primeiro vigário de Blumenau. Dr. Blumenau vendo crescer o número de católicos, requereu às autoridades constituídas da Província, um vigário efetivo.

P. José Maria Jacobs, natural da Alemanha, aceitou o convite e a 16 de setembro do mesmo ano de 1876 tomou posse do Curato, que somente foi erigido canonicamente em 1878, por Decreto de Dom Pedro Maria Lacerda, Bispo de São Sebastião do Rio de Janeiro. A 2 de junho do mesmo ano foi instalada oficialmente a Paróquia com a presença das autoridades e grande número de pessoas. Rio dos Cedros ficou então sob a jurisdição espiritual da nova Paróquia de Blumenau.

Padre José M. Jacobs, entretanto, com a saúde abalada, cansado do imenso trabalho pastoral, resolveu voltar para a Alemanha. Ofereceu a Paróquia aos Franciscanos estabelecidos em Petrópolis, Rio de Janeiro, os quais aceitaram o munus paroquial, chegando a Blumenau a 13 de março de 1892. O novo vigário, frei Zeno Wallbroehl, era coadjuvado por frei Lucínio Korte, que visitava as capelas de Rio dos Cedros e outras localidades.

Em viagem para a Alemanha, P. José M. Jacobs, contraiu a febre amarela no Rio de Janeiro, onde veio a falecer. Seus restos mortais repousam hoje, num túmulo na igreja matriz de São Paulo Apóstolo, em Blumenau.

Nessa altura da história religiosa, a comunidade protestante que se formou em Rio dos Cedros, Rio Ada e Cedro Alto, era atendida pelo pastor Hermann Faulhaber, que havia assumido o cargo em 1889.

Os padres Franciscanos com jurisdição praticamente em todo o Vale de Itajaí, promoveram e instalaram novas capelas e seu apostolado era incansável.

Em 1900, a capela de Rodeio foi erigida a categoria de Paróquia assumindo o cargo de vigário, frei Lucínio Korte. As capelas de Rio dos Cedros, então passaram a pertencer a jurisdição da nova Paróquia de Rodeio. Foi nessa época que a igreja e a "canônica", situadas no alto da colina, foram construídas.

Entretanto os abnegados Franciscanos em Rio dos Cedros, como em outras localidades sofreram consequências desagradáveis.

Os Tiroleses eram súbditos da Austria. Os Trentinos da Itália. Os Trentinos lutavam para reaver o Tirol. Como os padres Franciscanos eram alemães, alguns elementos trentinos os julgavam partidários dos tiroleses. Daí as divergências surgidas especialmente durante a Primeira Guerra Mundial de 1914.

A situação se agravou quando aqueles elementos extremados atentaram contra a vida dos Frades fazendo explodir na residência da capela de Rio dos Cedros uma bomba de alta potência a altas horas da noite ferindo os dois sacerdotes Frei Modestino e Frei Policarpo, que tinham vindo de Rodeio para preparar as crianças da Primeira Comunhão a ser realizada três dias depois do atentado. Os protestos do povo foram acentuadamente contra o ato terrorista. Para poder realizar a Primeira Comunhão foi necessário a vinda de outro sacerdote de Rodeio, pois os dois que foram atingidos, foram levados para o Hospital de Blumenau.

Todos aqueles sacerdotes que passaram por Rio dos Cedros exerceram forte influência, no desenvolvimento dos povoados de imigrantes. Visitavam-nos com frequência percorrendo a cavalo dezenas de quilômetros, sujeitando-se às agruras próprias do início da colonização, para atender os doentes, casar, batizar, solucionar desentendimentos, apaziguar paixões criadas nos meios coloniais, decidir até assuntos de justiça e levar a todos o conforto do Evangelho de Cristo.

Os padres Franciscanos em 1918, passaram a Paróquia aos Salesianos de Dom Bosco, que ainda hoje continuam o seu trabalho apostólico em Rio dos Cedros.

Salesianos em Rio dos Cedros

O vigário Frei Solano Schmitt, em outubro de 1916, recebeu do Vigário Geral da Diocese a comunicação da chegada de quatro padres Salesianos de Dom Bosco, dos quais dois seriam destinados para Ascurra e dois para Luiz Alves.

A idéia de entregar a eles também a Paróquia de Rio dos Cedros pareceu viável e os próprios Franciscanos, dirigiram o pedido às autoridades religiosas competentes, com data de 24 de outubro do mesmo ano.

Padre Solano Schmitt sendo muito estimado pelo povo, sentiu profundamente ter que deixar Rio dos Cedros. Aos 28 de janeiro de 1917 celebrou pela última vez a Missa na capela de N. Sra. da Assunção (Glória) e na Paróquia. Entre lágrimas, o povo despediu-se do seu amado pastor, talvez para nunca mais vê-lo. Na manhã seguinte ele viajou para Canoinhas. "Eu me retiro daqui, deixou escrito, levando sinceras saudades deste povo ao qual desejo todas as bençãos de Deus". Assim terminou a nobre missão daquele primeiro Vigário em território Riocedrense.

Para atender a Paróquia, até que o Sr. Bispo Diocesano nomeasse outro Vigário, os padres Franciscanos de Rodeio o fariam através de Frei Modestino Oeshtering, que exerceu o cargo interinamente.

No dia 7 de janeiro de 1918, foi comunicado aos Salesianos de Ascurra, que deveriam assumir também a Paróquia de Rio dos Cedros.

Assim sendo na data de 19 de janeiro do mesmo ano chegou o

Pe. Angelo Alberti para tomar posse da mesma como segundo Vigário, prometendo ao povo fazer duas visitas por mês à matriz e uma por mês às capelas principais.

O novo Vigário foi recebido em Indaial por uma Comissão composta dos senhores: Germano Bona, Intendente; Leandro Longo, Escrivão de Paz; Vergilio Campestrini, Professor da Escola Paroquial e a Diretoria. Na praça da Matriz havia um número considerável de pessoas que o esperavam. Devido ao mau tempo, a concorrência não podia ser maior.

Para ajudar o Vigário, em geral vinha de Ascurra o Pe. João Rolando, chamado "o padre médico" porque realmente conhecia um pouco de medicina.

O Pe. Angelo Alberti faleceu em São Paulo no dia 1º de abril de 1941 e o Pe. João Rolando em Genova, Italia, em 1960. Tanto os Franciscanos como os Salesianos percorriam a cavalo as regiões de Rio do Sul, Rio do Oeste, Taió, Trombudo Central, Luiz Alves, Ascurra e Rio dos Cedros na imensa messe do Senhor.

Outros Vigários

No dia 11 de março de 1923 chegava a Rio dos Cedros o Pe. José Pastorino, que tomou posse da Paróquia como 3º Vigário. Assinaram a Ata: Pe. Ignácio Wasilewski, Eugênio Florianí e Ângelo Murara.

Pe. José Pastorino conquistou logo a amizade do povo devido a sua popularidade e grande zelo apostólico. Seu trabalho pastoral, porém, foi curto, pois veio a falecer no mesmo ano, no dia 7 de setembro, vítima de pneumonia. A morte desse ilustre sacerdote abalou toda a Paróquia, que no enterro demonstrou o quanto era estimado.

Assumiu então o cargo de 4º Vigário, o P. Ignácio Wasilewski, mas por motivo de saúde no dia 13 de junho de 1926, voltou para a Polônia, onde veio a falecer no dia 6 de novembro de 1951.

Provisoriamente governou a Paróquia, o Pe. Carlos Zanotelli, confirmado no cargo como 5º Vigário no dia 18 de fevereiro de 1928. Esse sacerdote entendia de assuntos agro-pecuários, motivo pelo qual nos terrenos da Paróquia cultivava a parreira e outras frutas. Da uva fabricava vinho e das folhas da videira, vinagre. Em 1931 foi transferido para Rio do Oeste depois de passar o cargo ao 6º Vigário, Pe. Olivio Giordano. Pe. Carlos faleceu em viagem de trem entre Jaciguá, Espírito Santo e Campos, Rio de Janeiro, no dia 26 de outubro de 1960.

Pe. Olivio depois de 4 anos de bons serviços prestados à Paróquia, entregava o cargo ao 7º Vigário, na pessoa do Pe. Marcilio Lobo. A Ata de posse foi assinada pelas testemunhas: Luiz Busarello, João Largura, Emanuele Agostini e Leone Paternolli. No período do seu governo, pôde, com o auxílio do povo, realizar a pintura da igreja, cumprindo um desejo que há muito tempo vinha nutrindo. A obra artística foi inaugurada no dia 19 de setembro de 1937 com uma festa muito grande e com a presença do autor da pintura, Pedro Cechet. Pe. Marcilio morreu em Pindamonhangaba, São Paulo no dia 2 de janeiro de 1954.

A 9 de março de 1946, foi nomeado o 8º Vigário, Pe. Aleixo Costa, que permaneceu no cargo até o ano de 1956. Faleceu em Ascurra no dia 17 de outubro de 1957.

Seu sucessor foi o Pe, Orestes Satler, que permaneceu no cargo até 1964, como o 9º Vigário. A partir desse ano, foi nomeado o 10º Vigário, Pe. Otávio Bortolini, que com a ajuda do povo construiu a monumental igreja matriz nova e a casa paroquial, ficando no cargo até o ano de 1969. Desse ano em diante, quem está dirigindo os destinos da Paróquia é o Pe. Victor Vicenzi, como 11º Vigário e 1º Vigário Riocedrense. A Ata de posse foi assinada pelos senhores Tercilio Marchetti e Alfredo Berri.

Além dos Vigários, outros sacerdotes trabalharam em Rio dos Cedros com muito merecimento, dignos de memória e perene gratidão, como Coadjuutores. Padres: Jorge Carriere — Mário Reis — João Evangelista de Figueiredo — Felix Rokiki — João Batista Delsale — José Balestieri — Miguel O. Rovira — Tercilio Nardelli — Mildo Busarello — Tobias Schmidt — Antônio Deretti — Silvio Michelluzzi, além dos Sacerdotes adidos ao Instituto P. Pastorino.

Irmãos leigos: Fabio Nogueira da Silva, falecido em Minas Gerais em 1964 — Vicente Mola, falecido em Rio dos Cedros em 1944 — João Trombetta, falecido em São Paulo em 1964.

Escola e Educação

A preocupação dos pioneiros imigrantes de Rio dos Cedros, sempre foi a escolarização e a educação de seus filhos. Por isso, desde o início da formação das comunidades, construíram também suas pequenas escolas, embora rudes, sem conforto e com bancos feitos de tabuas serradas à mão.

Um quadro negro (lavagna), um mapa da Itália e um Crucifixo, enfeitavam as paredes da escola. No meio do banco escolar, havia um furo para se colocar o tinteiro, onde os alunos com canetas, feitas de madeira com uma pena, a qual era molhada na tinta para escrever no papel escasso e disputado. Tudo era muito simples. As crianças iam para a escola descalças mesmo no rigor do inverno, sem agasalho e percorrendo a pé, 4 e até 5 quilômetros, através de picadas ou estradas muitas vezes intransitáveis, para chegarem a escola.

As meninas amarravam um lenço na cabeça e os meninos com chapeuzinho de palha, se agasalhavam do frio ou das chuvas, pois ainda as sombrinhas e os guarda-chuvas não existiam.

O estudo era rudimentar até o 3º. ano primário; mas praticamente não havia analfabetos. Todos sabiam ler e escrever.

As crianças naquela época levavam sua merendinha na "bissaca", espécie de sacola feita de pano, para comer na hora do recreio. Essa merendinha nada mais era do que batata doce assada nas cinzas do fogão de casa. Outras crianças levavam para sua merendinha duas fatias de "brot" de farinha de milho, ou duas fatias (do fiete) de polenta assadas sobre o braseiro, pois não havia ainda chapa nos fogões. O WC era a

natureza. Água, se fosse preciso, só mesmo indo ao rio mais próximo da escola.

Entretanto as crianças eram sadias e fortes acostumadas desde pequenas a enfrentar os maiores sacrifícios.

Na escola aprendia-se a ler e escrever. Fazer contas e estudar a doutrina cristã, cujas aulas eram administradas em italiano e alemão conforme as comunidades de sua origem. O catecismo era decorado.

Carregavam o material escolar na "bissaca", a tira-colo. Além dos livros não podia faltar o lápis comum e o lápis de grafite para escrever numa pequena lousa também de grafite de 20x10 cm. chamada "tabela". Nela se faziam as tarefas de caligrafia, contas e cópias. Uma vez corrigidas pelo professor, tudo era apagado, com a manga da camisa, para repetir outras tarefas do gênero.

Os da velha guarda ainda se lembram dos livros adotados: "L'Abaco, Il Libro di Peppino, La Storia Sacra, Il Catechismo Romano, La Piccola Storia d'Italia" e outros.

Também se lembram da geografia que o professor ensinava mostrando um grande mapa, inciando em geral sua aula da seguinte forma: "L'Italia é um grande stivale gigantesco che avanza in mezzo al mare". Todos os alunos tinham que saber de cor as províncias italianas.

Com um "bon di" ou "guten tach" os alunos cumprimentavam o professor ao chegar à porta da escola, às vezes munido de uma varinha, sério, autoritário, de pouca conversa,

Na escola, a criança que não se comportava bem recebia um castigo, ou funcionava a palmatória (sardela), segundo a gravidade da culpa. Tudo isso, porém, tinha uma finalidade naquela época: formar gente responsável e cumpridora dos seus deveres.

Os professores eram escolhidos na maioria das vezes, entre as pessoas mais cultas e pagos mensalmente pelas famílias. Recebiam também dos governos italianos e alemão uma pequena subvenção, conforme as escolas por eles dirigidas, através dos seus consulados.

Muitos desses professores, apesar de não conhecerem o idioma português, esforçavam-se para aprendê-lo, o que não era tão fácil assim na época imigratória.

Hoje Rio dos Cedros goza de uma elevada instrução escolar presente em todo o município, com 30 escolas estaduais e municipais e uma Escola Básica. Muitos jovens estudaram nos seminários salesianos e franciscanos formando no dia de hoje uma plêiade de professores e homens de responsabilidade em todo o Estado e no Brasil.

Por algum tempo funcionou o Ginásio P. Pastorino para alunos externos do 5º ao 8º grau e o seminário menor para alunos do 5º e 6º grau. Atualmente naquele estabelecimento, funciona o Noviciado Salesiano.

Em geral os estudantes que terminam o 8º grau, saem de Rio dos Cedros para continuar seus estudos em outros centros maiores.

O 1º professor em Rio dos Cedros, foi Giuseppe Marzzani, que lecionou na primeira escolinha do lugar. O 2º professor foi Giuseppe

Zanluca. O mais famoso de todos, entretanto foi o professor Vergilio Campestrini, formado pela Universidade de Pádua, que lecionou de 1905 a 1918.

O professor Giovanni Trentini passava pelas diversas escolas ensinando um pouco em cada uma a ler, a escrever e fazer contas, com uma dedicação extrema, fazendo a pé todas aquelas caminhadas.

História de Rio Cunha

Rio Cunha, povoado sito no alto da serra do mesmo nome, dista da cidade, 15 quilômetros e é um riacho tributário da margem direita do Rio dos Cedros, com um percurso de 4.500 metros.

O agrimensor daquelas terras chamava-se Bernardes Cunha, chefe da turma de medição. Ocasionalmente esse homem caiu dentro do rio o que veio motivar o nome do lugar.

Na época de 1880, com o apoio do Governo, alguns imigrantes Russos se internaram por esse rio. Vinham da Baixa Rússia e além do russo, falavam o alemão. Eram quasi todos de religião ortodoxa cismática e adventista. Entre esses primeiros moradores, podem ser citados os seguintes: Carlos Wutzel, Stuin, Klaismhid, Bangharath, Potphoff, Muller, Kissauld, Pauli, Kock Hermann, Albert Kenestke e outros.

Mais tarde, entre os anos de 1902 a 1905, alguns filhos de colonos descendentes de italianos de Rio dos Cedros, entraram pelo braço do Rio Cunha fixado aí sua residência. Dentre outros citam-se: Afonso Mengarda, Fioravante Busarello, Paulo Campestrini, Ludovico Campestrini, Domingos Mengarda, Angelo Busarello, Paulo Campestrini, Frai Mauricenzi, João Campestrini e Francisco Campestrini.

Todas essas familias professavam a religião católica. Como ainda não havia capela, as funções religiosas eram celebradas em casa particular. De vez em quando um sacerdote Franciscano vinha de Rodeio para atendê-las.

A primeira capelinha surgiu no ano de 1890, trabalho realizado pelos primeiros moradores russos, para o culto ortodoxo e adventista.

Entretanto, pelo ano de 1910 tendo afluído para lá uma maior quantidade de habitantes italianos, os russos e alemães foram vendendo suas terras e se retiraram para outras regiões. Foi então que em 1916 os últimos adventistas venderam a própria capela para um colono e se retiraram também.

Em 1919, um grupo de 13 familias, comprou de Jacinto Dallabrida, aquela capela que ele havia adquirido, destinando-a para o culto católico e para a escola. Seu primeiro professor foi José Zanella que antes lecionava na escola Dante Alighieri de Tiroleses. No dia 15 de janeiro de 1920 foi inaugurada a capela e entronizado o quadro de N. Sra. Auxiliadora como Padroeira do Lugar, substituído no dia 31 de maio de 1933 por uma artística imagem.

O sino da torre foi inaugurado no dia 26 de dezembro de 1937 pelo neo-sacerdote, Pe. Nelo Trisotto que viera para celebrar as primícias em sua terra natal.

Desde 1945 estava projetada a nova capela, que somente foi

possível construir e inaugurar em 1956, pelo então vigário, Pe. Orestes Satler.

Os primeiros moradores russos, tinham aberto um pequeno cemitério, que ficou inteiramente abandonado.

Em 1923, Luiz e Ana Furlani doaram novo terreno para isso e a primeira pessoa a ser enterrada foi uma criança, filha de José Zanella.

Lá em Rio Cunha, reside uma florescente comunidade distante do centro, sem meio de transporte humano adequado. A escola está sob os cuidados do Prof. Libório Andrezza, que cuida também da liturgia, auxiliado por outras pessoas que realizam um movimento autêntico e satisfatório. A população dedica-se exclusivamente à agricultura; mas também existe uma serraria de propriedade de Campestrini, que ocupa uns 15 operários.

São Bernardo

São Bernardo é uma região pitoresca, rodeada de montanhas por onde serpeiam diversos córregos, que formam o rio São Bernardo a 5 quilômetros de Rio dos Cedros.

Sua história começou em 1889. No dia 1º de Janeiro daquele mesmo ano, uma leva de imigrantes italianos do Tirol, partiam do porto de Genova com destino a diversos centros de colonização.

Para Rio dos Cedros vieram duas famílias: Giuseppe Zóboli e Ferdinando Spalanzani, que se hospedaram num galpão de Victor Zanella enquanto preparavam suas residências. Lá não havia ninguém, a não ser Modesto Campestrini, que subia e descia pela margem do rio, para cuidar da lavoura, de sua propriedade.

Logo depois, chegaram da Itália mais algumas famílias, que se dirigiram para São Bernardo. Eram: Giovanni Schiochet, Angelo Zopelaro, Giovanni Largura e outras.

Em 1902 foi construída a primeira capelinha dedicada a São Bernardo. A escola funcionava na mesma capela. No dia 22 de agosto de 1906 foi inaugurada uma nova igreja melhor, no terreno doado por Luigi Largura. A igreja atual foi construída em 1964 mais ampla, funcional e muito bonita e a escola começou a funcionar num prédio próprio em frente à igreja.

Como o agrimensor se chamasse Bernardo, o lugar ficou com o nome de São Bernardo.

O primeiro professor foi Alessandro Trentini. Depois, Andrea Campestrini, Giacomo Zóboli, Giochino Campestrini, Giuseppe Brancher, Massimino Zóboli, que lecionou, 36 anos e o atual prof. Aquilino Campestrini que há 27 anos dirige a escola. Deve-se notar que todos aqueles professores cuidavam também da catequese e da liturgia da igreja.

São Bernardo atualmente é uma comunidade florescente com 42 famílias num total de 275 pessoas, dedicando-se à agricultura. Há uma serraria de propriedade de Juvenal Andrezza em pleno desenvolvimento.

Uma capelinha de N. Sra. das Graças domina o poético povoa-

do, situada no alto da montanha, a onde muita gente acorre para prestar suas homenagens religiosas.

Parte dessa história foi tirada de um documento encontrado na primeira igreja construída em 1906.

Rio Rosina

Subindo pelo interior do Município de Rio dos Cedros, a 20 quilômetros do seu centro, encontra-se uma região pitoresca situada a 750 metros de altitude, gozando de um clima excepcional, por onde passa o rio Palmeiras.

Essa localidade de Rio Rosina, foi descoberta no ano de 1910, por um grupo de caçadores, que subindo pela margem do rio Palmeiras, firmaram acampamento naquele lugar. Certificando-se da realidade dessa riqueza silvestre, os caçadores voltaram e estabeleceram um acampamento definitivo para suas caçadas. Alguns deles se interessaram também pelos terrenos; mas por falta de estradas, abandonaram a idéia. Mais tarde, gente de Rio dos Cedros, ciente dessas descobertas, exploraram o lugar.

No ano de 1918, a colonizadora Bona em convênio com o Governo do Estado contratou as estradas que iriam ligar aquela rica região. Os operários recebiam uma quantidade de terras como pagamento dos serviços prestados de mão de obra, na abertura dessas estradas. As obras entretanto, foram iniciadas somente em 1920. Como não havia máquinas, os trabalhos eram demorados demais, prolongando-se até por vários anos.

O primeiro morador foi Rodolfo Busarello, em 1921. A mudança foi realizada através de um picadão, no lombo de mulas, com muito sacrifício e suores. Esse tipo de transporte assim continuou até ao término da construção das estradas.

Rodolfo animou muitas outras famílias a seguirem o seu exemplo e assim para lá se estabeleceram ainda estas: Alberto Busarello, Terge Trisotto, David Busarello, João Dorigatti, Henrique Reuter e vários outros. A primeira pessoa a nascer no lugar, foi Tibério Busarello e a primeira a morrer foi Ida, esposa de Rodolfo, e mãe de Tibério, em 1923.

Nos inícios da colonização, aqueles primeiros moradores tinham que vir a Rio dos Cedros, para fazerem suas compras. Quando, porém, Henrique Rikter, instalou uma casa comercial, uma atafona e uma serraria, melhorou a situação do povo.

Em 1927, foi construída a primeira capela dedicada a N. Sra. do Rosário, e aí se fundou um fervoroso centro religioso, que ainda hoje perdura.

Uma escola particular começou a funcionar em 1927, sendo seu professor, Mário Ropelatto. Na residência particular de João Dorigatti, funcionou por algum tempo, uma ramificação dessa escola sob a direção de Serafim Gretter.

Em 1931, a escola passou para o Município e em 1948 para o Estado. Nela lecionaram os professores João Dorigatti e Adelina Gretter.

Desde 1952, assumiram as Irmãs Catequistas Franciscanas, que além de lecionar, desenvolvem um trabalho apostólico eficiente.

Em 1959 foram iniciadas as obras da Usina Palmeiras pela CELESC, trazendo para o Rio Rosina maior desenvolvimento.

Lá existem duas casas comerciais de Sabino Bona e José Bertoldi. Fábrica de óleo sassafraz, móveis e esquadrias. Serraria e beneficiamento de madeira. Granja e frigorífico para aves, de Irmãos Trentini.

Em Rio Rosina, residem 60 famílias. Sobre uma colina se ergue a igreja, a escola e a casa das Irmãs.

Como naquele lugar os primeiros exploradores encontrassem muitas flores parecidas com as rosas, chamaram-nas de rosinhas, ou "rosina", em italiano. Daí o nome de Rio Rosina.

Cedro Central e Giuseppe Campestrini

Dentre os imigrantes que aqui aportaram, um vulto se destacou de maneira especial na pessoa de Giuseppe Campestrini.

Nasceu na Itália, na Província de Trento, na localidade de Torcengo, em 1830. Era homem culto. Fez seus estudos no seminário de Trento. Por falta de recursos financeiros foi obrigado a desistir.

Casou-se em 1857 e ficou morando na casa paroquial junto com o cura. Campestrini mesmo afirmava: A minha família crescia e o padre não podia aumentar o meu ordenado. Por isso decidi emigrar para o Brasil. Juntamente com uma turma de amigos, embarcamos no navio chamado Gabriella em 1879, rumo à nova Pátria. A minha família era composta de 8 pessoas: O casal, meu velho pai e 5 filhos.

Eu só pensava onde e como poderia encontrar sustento para a minha grande e amada família. Angustiado, um dia entre lágrimas, em pleno mar, fiz a seguinte promessa a São José, que era o santo predileto da minha devoção: Se ele me conduzisse aonde havia terra para trabalhar para sustentar a minha família, neste lugar o primeiro serviço a ser feito por mim seria construir um pequeno oratório para São José, a fim de que seu nome fosse lembrado, visitado e considerado protetor do meu lar e do lugar.

Depois de longa e penosa viagem, chegamos todos ao porto de Itajaí. Aí falei com um dos chefes do porto, o qual me indicou existir em Rio dos Cedros uma terra fertilíssima, habitada por gente italiana. Nessa terra, dizia o informante, produzia-se muito milho para fazer a farinha de polenta. Era isso que eu queria.

Decidi-me ir para lá e confesso que na viagem entre Itajaí e Rio dos Cedros, uma mão misteriosa foi me conduzindo e me fez esquecer as dúvidas e as tristezas.

Cheguei ao destino na bela localidade (atual Cedro Central). Lá encontrei uma pequena casa, uma derrubada de mato e tudo mais o que era necessário para colocar a minha família, embora mal acomodada.

Essa moradia, a última do lugar, pertencia a outro imigrante chamado Sigismondo Menestrina, que chegou 4 anos antes de mim, junta-

mente com outra turma vinda da Itália. Ele entretanto, teve que fugir para outro lugar por causa do aparecimento dos bugres e foi morar mais para o centro.

Nesta altura dos acontecimentos, Giuseppe Campestrini, quando contava sua história, chorava, gritava e dizia: É aqui que São José queria mesmo morar. Ele fez sair as outras pessoas para dar lugar a mim seu devoto, para que eu fizesse a sua morada.

Primeira Capela de São José

Assim que Campestrini acabou de arrumar as suas coisas mais necessárias, deu início à construção da capelinha. O terreno foi doado pelo imigrante Basilio Leitempergher, num lugar muito bonito, onde hoje está a igreja e a escola. Essa primeira capelinha foi construída de ripas de palmito, coberta de folhas do mato em 1880, e serviu para aquele grupo de famílias do lugar, até o ano de 1892.

Feita a capelinha, o lugar ainda cheio de florestas, começou a se movimentar. Aos domingos Giuseppe Campestrini reunia os poucos moradores, para assistir na capelinha de São José, às leituras da Missa, do Evangelho, as orações e os cantos das ladainhas de N. Senhora. Ai eram feitas as festinhas, as novenas e tríduos. Rezava-se a São José nos tempos de seca para pedir a chuva, ou para pedir o bom tempo. Rezava-se ainda por um doente, contra as pragas dos gafanhotos e outras necessidades. Todos recorriam ao santo protetor São José e ficavam satisfeitos.

Durante os 10 primeiros anos, chegaram ao lugar mais colonos e todos unidos, conseguiram construir a segunda capela de tijolos. Foi adquirida na Itália uma imagem de São José esculpida na madeira, obra prima de arte sacra, que ainda hoje se conserva.

Essa segunda capelinha, foi substituída por outra maior, mais moderna, inaugurada no dia 19 de março de 1973, com grande concurso de povo, vindo de todas as comunidades da Paróquia.

Nos inícios, a capela servia também de escola. Seu primeiro professor foi um belga, Alberto Wanderwegel. O segundo foi Giuseppe Daltrosow. Vieram depois, Antonio Curi, Giovanni Trentini, Maria Venturi e outros. Atualmente a escola é dirigida pela professora Mística Mengarda.

Em Cedro Central vivem 42 famílias bem constituídas trabalhando na agricultura dirigida tecnicamente. Há também uma indústria de madeira e uma cerâmica de propriedade de Gentil Lenzi, com energia elétrica própria. Na residência de Albano Bona foi construída em 1972, uma capelinha dedicada à N. Sra. Aparecida, fruto de uma promessa daquela família.

Orazione Funebre

(composta da Aleandro Lenzi)

Recitata su la tomba di Giuseppe Campestrini il giorno 20 agosto 1911.

Caríssimi amici.

Col permesso dei congiunti vò dirvi alcune parole riguardanti il grande anziano la di cui spolia ritorna alla madre terra.

Per tessere la biografia del grande estindo ci vorrebbe miglior penna, dico come Vincenzo Monti disse di Dante Alighieri: "Potrò io preferire il nome del Campestrini, vegliardo, senza timore di profanarlo?" Campestrini fù grande nella sua picolezza, egli fù um savio, fù il nostro apostolo durante tren'anni, fù il nostro amico; il nostro compagno, il nostro confidente, il nostro maestro. Chi è colui che non ne va debitore al grande estinto di un'opera di misericordia, una veglia ad un amalato, un conforto da un moribondo, un funerale ad un morto?

Campestrini fù il prototipo dell'evangelista; chi più di lui si attene alla dotrina del grande martire del Gulgota? Campestrini possedeva le tre virtu teologali: fede, speranza e carità che a larga mano efondeva fra di noi. Il suo apostolato fù rico di fruti che verranno tramandati da padre in figlio, fino ai posteri più remoti in monumento imperituro.

Campestrini visse come modelo di cristiane virtù e mori come un vero patriarca, benedicendo la sua lunga progenis che dollente piange una grande perdita.

Se Iddio premia il bene e punisse il male, abbiamo fede che l'anima del nostro indimenticabile vegliardo già riposi nel seno dell'Eterno.

(Memórias, transcritas*do original)

Geoecologia Atmosiérica

A. SEIXAS NETTO

(Continuação do número anterior)

Capitulo Terceiro: A SUPERFÍCIE DA ATMOSFÉRA

A superfície do Planeta, composta de resíduos do processo fisicoquímico de encrostamento da Estrela primitiva, que denominamos Terra, Argila, Areias, Rochas, Pedras Preciosas, Metais, é como um filtro às emanações gazeozas oriundas das reações do núcleo estelar; por isto, é uma superfície moduladora da Atmosféra. Como superfície **moduladora**, tem, evidentemente, suas células componentes de variado tipo e função. De modo geral, a Vida aeróbia está ligada e dependente desta superfície; e, fatalmente a ela ligadas as Vidas semi-aeróbias, tanto no *campo* terreno quanto no *campo* marinho. Mas há um tipo de Vida semi-aeróbia fixa e estática que forma típica célula de ciclo-fechado entre a superfície moduladora e a Atmosféra, verdadeiro e inusitado retificador do baixo-envoltorio atmosférico: A Planta, a árvore, o arbusto. No *campo* marinho, igualmente, há os componentes da flora submersa estática e da flora semi-emersa das algas e sargaços.

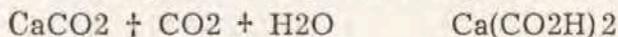
As grandes áreas de células retificadoras são Florestas densas,

embora, em realidade, onde haja uma planta exista uma célula retificadora em atividade, como se fosse um póro na superfície moduladora.

Como vimos anteriormente, 78% da Atmosfera é formada pelo Nitrogênio; portanto, 78% do ar respirável é Nitrogênio. Mas, em realidade, o Nitrogênio, na Atmosfera, exerce uma espécie de meio moderador, pois é um gaz indiferente que não intervém nos processos quimicos. Mas sua participação moderadora está em oferecer obstáculo a violentas manifestações do Oxigênio, evitando que as combustões ocorram com violência; a inflamação lenta dos corpos se deve, por certo, à intervenção do Nitrogênio. Igualmente, o Anidrido Carbônico, (CO₂), mais pesado que o conjunto dos demais elementos da Atmosfera, impede a combustão do Hidrogênio e do Oxigênio. Entretanto, apesar do perigo que representa a sua presença, pois que o Ar-saturado a mais de 13,5% de CO₂ seria irrespirável e letal à Vida, é ele um fator de troca importantíssimo e um elemento primordial para o equilíbrio do *campo ecológico*.

Em 1962, estabelecemos esta regra de observação: QUANDO SE REDUZ A FAUNA, A FLORA SE REDUZ; POR CONTRÁRIO, QUANDO SE REDUZ A FLORA, A FAUNA SE REDUZ. O que significa: Se matamos uma árvore matamos um animal; e quando matamos um animal, estamos matando uma árvore.(7) E nisto repousa, em última análise, o equilíbrio ecológico. É, pois, muito importante conservar integral o quadro da Natureza da Terra.

O mecanismo de equilíbrio ecológico é este: as plantas absorvem o Anidrido Carbônico e exalam Oxigênio, pois o CO₂ é um verdadeiro alimento para a planta e dele necessita o seu tecido. Os animais, incluindo o homem, aspiram o Oxigênio e expiram o Anidrido Carbônico. Logo, sem o reino animal, as plantas feneceriam por falta de CO₂; sem o reino vegetal, os animais pereceriam por falta de Oxigênio. E há que notar a importância do *meio corretor*: As águas dos Oceanos. Se o CO₂ está em excesso na Atmosfera baixa, a PNEUMOSFERA, o excedente do desequilíbrio é absorvido pelos carbonatos CaCO e Na₂CO₂ contido nos mares que, com a participação da água, se transformam em bicarbonatos Ca(CO₂H).₂ Quando a quantidade de CO₂ é menor, o processo inverte-se. Assim, pode-se expressar o processo equalizador como:



Assim, os Oceanos devem ser cuidados, tanto quanto a Fauna e Flora, para um bom equilíbrio ecológico. E é preciso anotar que uma Floresta perfeita deve produzir 180 quilos/ano de Oxigênio para o consumo de 250 quilos/ano de CO₂ por quilômetro quadrado; também pode observar-se que nos últimos 50 anos, — (1920-1970), —, a produção de conchas-moluscos reduziu-se notavelmente e tende progressivamente ao desaparecimento nos próximos 100 anos, — (1970-2070).

Capítulo Quarto: FLORESTAS, ANIMAIS E OCEANOS

A PNEUMOSFERA para ser útil à Vida, portanto ecologicamente equilibrada, deve repousar sobre a atividade permanente, perfeita e completa, do processo químico resultante de três fatores: Oxigenante,

da Flora; Carbonante, da Fauna; Equalizante, do Oceano. Uma árvore de porte completo, dependendo da sua estrutura folhal, pode injetar na baixa Atmosfera até 200 litros de água ou mais, em forma de vapor. Deste modo, uma floresta de grande área pode manter uma injeção constante de vapor de água em quantidade apreciável para a permanência de umidade relativa do ar acima dos 80% em seu *campo*. Por sua vez, as superfícies líquidas podem manter um ciclo constante de evaporação-condensação e precipitação, criando um índice médio de umidade na baixa Atmosfêra de até 30%. Mas numa floresta, para manter o ciclo constante, há que existir uma população de fauna capaz de equalizar o processo OXIGÊNIO-CO₂ da vegetação. Considerando a permanência do processo de equilíbrio ecológico, há um suprimento constante de moléculas de vapor d'água 5(H₂O). O processo de emissão de vapor d'água pela floresta, sua condensação e precipitação tênue, a baixa altura, mantém a umidade do solo e a capilaridade oferece manancial à fontes e rios ali existentes. O processo para destruir fontes e reduzir ou liquidar cursos de água é desertificar as nascentes; para intensificar esses produtores líquidos basta florestar densamente suas nascentes e cursos. Logo, a quantidade de água nas fontes e rios está diretamente ligada à densidade florestal circundante.

A Terra possui cinco faixas horizontais ao Equador geográfico, produzidas e mantidas pelo mecanismo astronômico do Planeta, que tem características distintas e particulares, que são também, faixas ecológicas específicas dentro do todo ecológico terráqueo. Estas faixas são: Equatorial, Tropical, Sub-Tropical, Sub-Polar e Polar.

FAIXA EQUATORIAL: É compreendida entre os Paralelos de 12º Norte e Sul do Equador. A ação fotosíntese mantém-se com pouca variação durante todo o curso do ano; esta pouca variação é só observável quando o Sol, pelo curso orbital da Terra, inclinada de 23º 27', incide nos 11º de arco, entre o limite da faixa Equatorial e os Solstícios ao Norte e ao Sul. É a faixa das grandes e densas florestas equatoriais, onde o processo natural ecológico se mantinha inalterado até uns 50 anos passados, como sejam as Florestas da Amazonia Continental, — (Centro e Norte da America do Sul) —, do Centro Africano; e do Sul Asiático, — (Extremo sul da Malaia, da India e das Ilhas de Sumatra, Borneu e Nova Guiné). (Há, todavia, um problema a ser explicado: O polígono saárico do nordeste brasileiro. Uns pretendem explica-lo pelo deslocamento continental segundo as teorias de Wegener (8) o que não seria, no caso, verdadeiro, pois a linha de *encaixe* corresponderia à zona florestada africana da costa Nigéria-Camarão. Ali ocorreu um fatalismo tectônico, de origem vulcânica, não explicado, formando *ilhas* de superfície semi-saáricas passíveis de recuperação florestal). Em realidade, os desertos, quando não são orogênicos, podem ser florestados, usando-se o sistema de cinturões de humificação, que nada mais seria que florestar por faixas a partir da orla florestal.

(*Continua no próximo número*)

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal Nº. 1835, de 7 de abril de 1972
Declarada de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº. 2028 de 4/9/74
Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425
89100 B L U M E N A U Santa Catarina
Instituição de fins exclusivamente culturais

São objetivos da Fundação:

Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;

Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;
Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;

Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;

Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;

Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;

A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", mantém:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"
Arquivo Histórico
Museu da Família Colonial
Horto Florestal "Edite Gaertner"
Edita a revista "BLUMENAU EM CADERNOS"
O Mensário "O LEITOR"
Tipografia e Encadernação
(exclusivamente para serviços internos)

Diretor Executivo: *Federico Carlos Allende*

Conselho Curador: *Hercílio Deeke - presidente*
Edison Müller - vice-presidente

Membros: *Elimar Baumgarten — Christiana Deeke Barreto —*
Isolde Hering d'Amaral — Rolf Ehlke — Nelo Osti

Um conjunto de vida, cores e muita alegria



 malhas
Hering

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau - SC